



Samba na janela

Saí para o cachorro esticar as pernas e escutei o samba saindo da janela baixa do apartamento. “Que samba é esse, tão redondo?” O cachorro esperava. “O cantor é seguro”. Chamei o bicho pra perto a fim de tomar conta e continuar ouvindo o samba da janela. O danado não veio. “Solo de saxofone, tudo bem, mas não com esse timbre”. Cachorro só gosta de música clássica. “Deve ser algum desses sambistas cariocas que o Vander Lee falou”. Samba tradicional, é verdade, mas de qualidade, longe do pagode pop. O cachorro agora deitadinho na calçada, esperando, incrivelmente cachorro.

A competência pra fazer uma letrinha, as mesmas palavras de sempre parecendo ter nascido ontem. “Amor”, que palavra fantástica. “Você”; “você” é bom, sempre fica bom, às vezes melhor que “you”; eu ali, aplicando minha semiótica cachorra.

Samba no velho estilo, samba bom, tipo D. Ivone Lara. Vai cantar um samba desses para ver; os olhos sempre marejam. “Que samba é esse”. O final da letra dizia que “o amor, uma ave de arribação, fez seu ninho na pedra inglória da solidão”. Ou quase isso. Os leitores vão identificar, com certeza.

Nota mil

O leitor pode pular este tópico, pois é dirigido pessoalmente ao Sérgio Santos. Cara, que coisa o seu disco! Como eu já te falei naquela hora de pós-insônia, aquela introdução, aqueles primeiros acordes do André Mehmari me abismaram.

Foi ótimo
ouvir umas
nove
músicas
sem ler
as letras,
apenas
ouvi-las tão
musicais

Me chatearam também. “Não é possível que o Sérgio vai mandar tudo isso, assim não dá!”

Como eu te disse também, perder o encarte foi mais do que uma marca desastrosa de crítico chinfrim. Foi ótimo ouvir umas nove músicas sem ler as letras, apenas ouvi-las tão musicais, ficar com o cantor e os músicos. Abaixo os encartes! Apesar de eu ter aprendido inglês com as letras na capa do Sgt. Peppers.

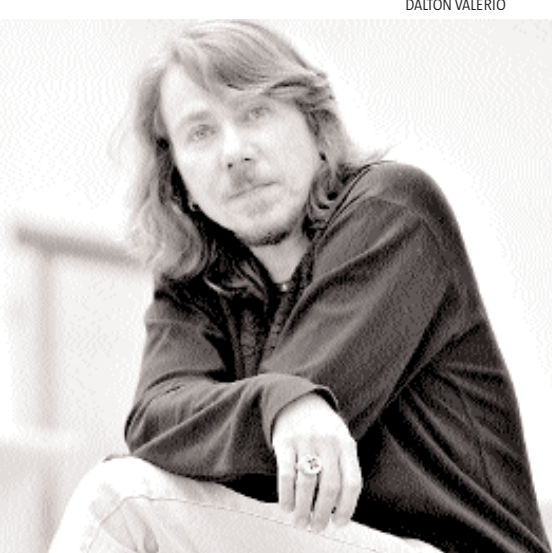
Sérgio é internacional porque é do samba. No disco, sambas de todos os feitios, rápidos, lentos, neblinosos, ensolarados. Samba de salão, de futebol, de grama sintética, de quadra de saibro. Por falar nisso, “sambando eu fiz meu pão nas tábuas de um salão” me pegou. Um segundo em que nossa profissão é posta à luz, com sua fatalidade humilde e digna; não sabemos se a glória, mas pelo menos o pão nos pode chegar matinal, com o samba (e o choro, a valsa, a canção brasileira) de Sérgio Santos. (*Sérgio Santos*, Biscoito Fino, 2004)

Outra maneira

Lenine contou outro dia na televisão que seu pai foi fundador do partido comunista em Pernambuco.

Não era ateu, mas não seguia nenhuma religião. Gostava de música clássica. Em casa, ele dizia aos filhos: “Sua mãe vai à missa; vocês podem ir com ela ou ficar em casa comigo ouvindo música, que é outra maneira de se encontrar com Deus”. Os filhos preferiam ficar em casa, mas o compromisso era severo. Durante o tempo da missa escutavam em silêncio a música, cumprindo estritamente o combinado.

DALTON VALÉRIO



Lenine ouvia música para se encontrar com Deus

Hasta la vista

Termina hoje mais um ciclo de colaboração prazerosa com o ESTADO DE MINAS, período em que estive rodeado de discos maravilhosos de todas as épocas e estilos. Agradeço aos leitores (com certeza fui mais feliz do que eles, por ter aprendido e me entretido mais), aos inúmeros amigos que me ajudaram com suas dicas e aos editores que me receberam com toda a boa vontade. É perfeitamente possível que nos encontremos em outra oportunidade. Um grande abraço.